

### III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

#### ESPAÇO PÚBLICO EM DISPUTA: USOS CONTRA-HEGEMÔNICOS DO URBANISMO TÁTICO FRENTE À GENTRIFICAÇÃO DOS *PARKLETS* DE SÃO PAULO

PESSOA, Ana Júlia Meira<sup>1</sup>, POSSOMATO, Giullia Paula, GALLO, Douglas<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBITI-CNPq, IFSP, Campus São Paulo, ana.meira@aluno.ifsp.edu.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIC-CNPq, IFSP, Campus São Paulo, g.possomato@aluno.ifsp.edu.br.

<sup>3</sup> Professor Doutor, IFSP, Campus São Paulo, douglas.luciano@ifsp.edu.br.

Sessão Temática: 4 – Cidade e paisagens em disputa

**RESUMO:** *Parklets* em São Paulo representam uma expressão do urbanismo tático e evidenciam tensões entre espaço público e privado. Criados como instrumentos de democratização urbana, destinados a promover lazer, convivência e apropriação coletiva, esses dispositivos têm sido progressivamente apropriados por interesses privados, sobretudo em áreas de alto valor imobiliário. A análise discute como essa captura pelo capital transforma iniciativas de uso comum em extensões comerciais, reforçando processos de segregação socioespacial. Ao mesmo tempo, considera a dimensão contra-hegemônica dos *parklets*, quando cidadãos os utilizam de forma autônoma e criativa, resignificando-os como territórios de resistência e disputa simbólica no espaço urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço urbano; reconquista do espaço; *parklets*; urbanismo tático; resistência urbana.

#### ***Public space in dispute: counter-hegemonic uses of tactical urbanism amid the gentrification of parklets in São Paulo***

**ABSTRACT:** *Parklets in São Paulo represent an expression of tactical urbanism and highlight tensions between public and private space. Initially conceived as instruments of urban democratization, aimed at fostering leisure, social interaction, and collective appropriation, these devices have been increasingly appropriated by private interests, particularly in areas of high real estate value. The discussion addresses how this appropriation by capital transforms common-use initiatives into commercial extensions, reinforcing processes of socio-spatial segregation. At the same time, it considers the counter-hegemonic dimension of parklets, when citizens autonomously and creatively reclaim them, re-signifying these spaces as territories of resistance and symbolic dispute in the urban fabric.*

**KEYWORDS:** *urban space; reclaiming space; parklets; tactical urbanism; urban resistance.*

## INTRODUÇÃO

Os *parklets* surgem a partir de iniciativas globais como o Park(ing) Day em San Francisco (2005), que incentivou a ocupação temporária de vagas de estacionamento para atividades coletivas, culturais e de lazer (Lydon & Garcia, 2015; Wikipedia, 2025). Em São Paulo, a prática foi regulamentada pelo Decreto 55.045/2014, consolidando os *parklets* como extensão do espaço público. Apesar de destinados ao uso coletivo, esses espaços muitas vezes são patrocinados por empresas e integrados a áreas comerciais de alto padrão, gerando tensões entre democratização do espaço urbano e mercantilização do território (Parklet Brasil, 2016; Jus.com.br, 2017).

A cidade de São Paulo, marcada por desigualdades socioespaciais e intensa valorização imobiliária, apresenta o *parklet* como um instrumento do urbanismo tático, capaz de ressignificar calçadas, incentivar convivência e ampliar a percepção do espaço público (Lefebvre, 2001; Borja & Muxí, 2003). No entanto, a implementação dessas intervenções em áreas de comércio de luxo evidencia uma dialética ambígua: embora promovam apropriação coletiva, muitas vezes reforçam práticas elitistas, aproximando o urbano do consumo e limitando o acesso efetivo a grupos mais amplos da população (Fix, 2007; Zukin, 2010).

Este estudo propõe analisar os *parklets* de São Paulo, com destaque para a Oscar Freire, como territórios de disputa, onde práticas urbanísticas potencialmente contra-hegemônicas se confrontam com processos de mercantilização e gentrificação. Ao articular referências teóricas sobre espaço público e direito à cidade (Lefebvre, Borja, Harvey, Sennett) com estudos sobre urbanismo tático e *parklets* (Lydon & Garcia, Parklet Brasil, Jus.com.br), busca-se compreender até que ponto essas intervenções podem funcionar como instrumentos de resistência urbana e, simultaneamente, reproduzir desigualdades socioespaciais.

## METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, articulando análise teórica e observação empírica sobre os *parklets* em São Paulo, com atenção especial à Rua Oscar Freire como estudo de caso. O urbanismo tático é compreendido como conjunto de intervenções de baixo custo, rápidas e temporárias, voltadas a ressignificar o espaço público e estimular a apropriação coletiva (Lydon & Garcia, 2015; Ministério das Cidades, 2017).

A análise envolveu visitas de campo em diversos dias da semana, incluindo fins de semana, e em horários variados (manhã, tarde e noite), buscando compreender como os *parklets* são efetivamente utilizados e quais atores ocupam esses espaços. Durante essas observações, foram registrados aspectos como circulação de pedestres, permanência, apropriação dos *parklets* por clientes de estabelecimentos privados e uso coletivo espontâneo. O objetivo foi identificar conflitos entre a função original dos *parklets* — democratizar e transformar o espaço urbano — e seu uso efetivo, frequentemente condicionado a interesses privados.

Como instrumento, utilizou-se um checklist estruturado, elaborado a partir das categorias propostas por Fontes, Pina e Paiva (2021), originalmente aplicadas ao estudo das intervenções no Parque Minhocão. Esse modelo permitiu sistematizar as observações em seis dimensões: situação preexistente, objetivos, tipos de espaço, atores, elementos de ativação e especialização, organizadas no Quadro 1.

Quadro 1. Categorias de análise para estudo das intervenções no Parque Minhocão, São Paulo, SP

| Categoria             | Descrição                                                                                                        |
|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Situação preexistente | Referente ao contexto de surgimento da intervenção, reunindo um conjunto de problemas que a ação busca resolver. |
| Objetivos             | Referente às soluções desenvolvidas para solucionar os problemas identificados em cada local.                    |
| Tipos de espaço       | Contemplam todos os suportes físicos classificados e apropriados pelas ações.                                    |
| Atores                | Reúne os diferentes grupos sociais e/ou institucionais que compõem as distintas intervenções.                    |
| Elementos de ativação | Contempla as ações físicas e atividades propostas dentro de cada intervenção.                                    |

|                       |                                                                                            |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Especialização</b> | Indica a forma de organização física da intervenção e sua propagação (ou não) pela cidade. |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Fontes, Pina e Paiva, 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos *parklets* em São Paulo revelou uma série de tensões que evidenciam a disputa entre interesses coletivos e privados no espaço urbano. Observações de campo, realizadas em diferentes dias da semana e horários (manhã, tarde e noite), mostraram que, embora os *parklets* tenham sido concebidos como instrumentos de transformação urbana e apropriação cidadã, seu uso efetivo frequentemente favorece clientes de estabelecimentos comerciais e áreas de consumo elitizado, conforme evidenciado no quadro 2.

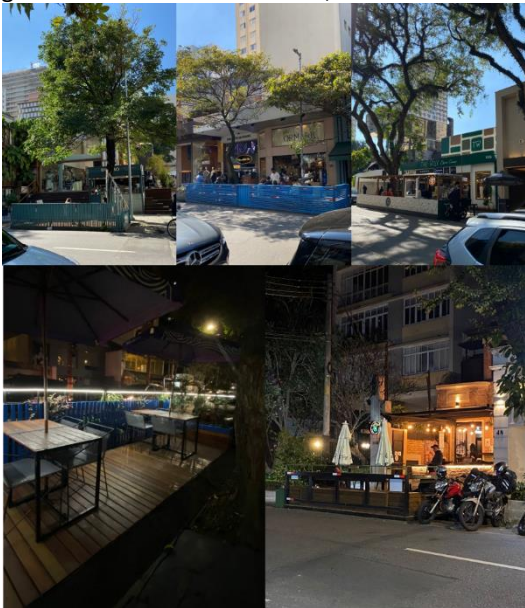
O caso da Rua Oscar Freire (figura 1) foi destacado como exemplo paradigmático: seus parklets, embora projetados para uso coletivo, revelam como o urbanismo tático pode ser apropriado por interesses privados, transformando o que deveria ser um instrumento de transformação urbana em extensão funcional de estabelecimentos comerciais e vitrine de consumo. Essa análise evidencia a tensão entre usos contra-hegemônicos do espaço público e práticas de gentrificação urbana, permitindo refletir sobre os desafios de implementar intervenções urbanísticas participativas em contextos de forte pressão comercial.

Quadro 2. Categorização das intervenções de urbanismo tático presentes nos *parklets*

| Categoria             | Presentes no Parklets                              |                       |
|-----------------------|----------------------------------------------------|-----------------------|
| Situação preexistente | Priorização do automóvel                           |                       |
| Objetivos             | Pedestrialização<br>Espaços de permanência         |                       |
| Tipos de espaço       | Vaga de carro                                      |                       |
| Atores                | Prefeitura de São Paulo<br>Setor privado           |                       |
| Elementos de ativação | Demarcação de piso<br>Delimitadores<br>Sinalização | Mobiliário temporário |
| Especialização        | Rede                                               |                       |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025

Figura 1. *Parklets* – Oscar Freire, São Paulo.



Fonte: Autores, 2025.

A partir das categorias de análise propostas por Fontes, Pina e Paiva (2021), torna-se evidente que a privatização dos *parklets* em São Paulo corrompe os objetivos iniciais dessas intervenções. Se, na origem, sua implantação visava responder a situações preexistentes de carência de áreas de convivência e oferecer soluções para democratizar o espaço urbano, a apropriação por estabelecimentos privados redireciona esses objetivos para a lógica do consumo e da valorização imobiliária. Assim, os tipos de espaço criados perdem sua função coletiva, sendo apropriados quase exclusivamente por clientes, enquanto os atores dominantes deixam de ser os cidadãos em geral para se tornarem agentes econômicos. Os elementos de ativação — que poderiam estimular encontros, lazer e usos culturais espontâneos — passam a ser condicionados ao lucro e ao marketing de marcas, transformando o espaço em vitrine urbana. Nesse processo, a especialização, longe de se propagar como prática democrática pela cidade, restringe-se a áreas de alto poder aquisitivo, reforçando desigualdades socioespaciais.

Nesse contexto, a Rua Oscar Freire se apresenta como um caso emblemático: seus *parklets*, patrocinados por marcas e localizados em uma das regiões mais valorizadas da cidade, ilustram o conflito entre usos contra-hegemônicos e práticas de gentrificação urbana. A captura privada dos *parklets* também evidencia uma dimensão simbólica da segregação urbana: ao transformar espaços destinados à convivência em extensões do consumo, reforça a percepção de que o espaço público não é um direito coletivo, mas um recurso negociável e controlado por interesses econômicos. Esse fenômeno acentua a exclusão social, limitando a diversidade de usos e de atores que podem usufruir desses ambientes, ao mesmo tempo em que naturaliza práticas de gentrificação, tornando invisíveis as disputas históricas por território e acesso à cidade.

Entretanto, mesmo nesse contexto, persistem práticas de resistência: pedestres, moradores e ciclistas ainda encontram formas de ressignificar os *parklets*, ocupando-os de maneira autônoma, improvisando atividades culturais, pausas temporárias ou encontros coletivos. Essas ações demonstram que o urbanismo tático mantém um potencial subversivo, funcionando como arena de disputa simbólica e espaço de contestação frente à lógica mercantil. Assim, os *parklets* exemplificam a tensão entre transformação urbana democrática e captura econômica, evidenciando a necessidade de políticas públicas que protejam o caráter coletivo do espaço público, incentivem usos inclusivos e promovam efetivamente o direito à cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos *parklets* em São Paulo evidencia que essas intervenções funcionam como microterritórios de disputa, nos quais coexistem tanto práticas contra-hegemônicas de apropriação coletiva quanto processos de privatização e mercantilização do espaço público. De um lado, pedestres, ciclistas e moradores, ao utilizarem os *parklets* de forma autônoma, reafirmam o potencial do urbanismo tático como instrumento de resistência e subversão simbólica, capaz de gerar encontros e experiências urbanas que desafiam a lógica do consumo e da segregação. De outro, a realidade observada em áreas de alta valorização, como a Rua Oscar Freire, mostra que essas iniciativas também podem reproduzir e legitimar dinâmicas de gentrificação, restringindo o acesso efetivo a grupos privilegiados e enfraquecendo o caráter coletivo dos espaços. Essa ambiguidade revela que a transformação urbana via *parklets* não é automática: ela é atravessada por tensões sociais, econômicas e simbólicas que colocam em evidência os desafios do planejamento e da gestão urbana, reafirmando a pertinência do debate sobre territórios em luta e práticas dissidentes de (re)existência, central ao seminário em que este estudo se insere.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao CNPq e ao IFSP pelo apoio concedido por meio de bolsas institucionais de iniciação científica e tecnológica, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Estendem também o reconhecimento ao grupo de pesquisa oby – laboratório cidade paisagem, cuja colaboração, trocas e aprendizados foram essenciais para a consolidação desta experiência acadêmica.

## REFERÊNCIAS

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio público**: ciudad y ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003.

FIX, Mariana. **São Paulo cidade global**: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo, 2007.

FONTES, A. S.; MONTEIRO, C. G. ; FRANCO, P. C.; FOGELSON, Y. **Urbanismo tático**: um guia para as cidades brasileiras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.

FONTES, A. S.; NOGALES, L.; ALEGRE, M. **Insurgências**: experiências em espaços públicos. Rio de Janeiro: Rio Books, 2024.

FONTES, A. S.; PINA, J. P.; PAIVA, L. M. **Urbanismo tático x ações para transformar cidades**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JUS.COM.BR. **Parklets em São Paulo**: entre o público e o privado. JusBrasil, 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/parklets-em-sao-paulo>. Acesso em: 05 set. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. **Tactical Urbanism**: Short-term Action for Long-term Change. Washington: Island Press, 2015.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Urbanismo Tático**: guia para cidades. Brasília: Ministério das Cidades, 2017.

PARKLET BRASIL. **Manual de implantação de parklets em São Paulo**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.parkletbrasil.org>. Acesso em: 05 set. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO – GESTÃO URBANA. **Parklets municipais: objetivos e diretrizes**. São Paulo: Secretaria de Urbanismo, 2019. Disponível em: [https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/06/AF\\_parklets-municipais.pdf](https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/06/AF_parklets-municipais.pdf). Acesso em: 12 ago. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO – RUAS SP. **Programa Ruas SP**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/licenciamento/w/servicos/308717>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ZUKIN, Sharon. **Naked City**: The Death and Life of Authentic Urban Places. Oxford: Oxford University Press, 2010.